

SOPHIA: REINVENÇÕES POÉTICAS DO FEMININO

Rita Barbosa de Oliveira (UFAM) ¹

A obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen oferece uma gama de imagens recorrentes do universo simbólico feminino, algumas das quais foram tema de artigos, dentre elas, Penélope e Ariadne.

A respeito da primeira, destaco dois: o de Ricardo Silva, que demonstra, na presença dessa personagem grega, o efeito desestabilizador do modelo do imaginário ocidental, pois “a Penélope de Sophia manipula o fio de sua vida a despeito do lugar que ocupa na sociedade” (2011, p. 2106); e o texto de Manuel Gusmão que, na mencionada figura, observa o enfrentamento de alguém que assume comportamento ético diante do mundo (2011, p. 9). Quanto a Ariadne, cito o artigo de Rosa Maria Martelo (2011), que analisa, em tal simbologia, a prevalência do som da palavra em detrimento de seu “sentido arquivado” para possibilitar um feixe de significados.

Reunimos a essas reinvenções na obra andreseniana duas outras sem a pretensão de esgotar o assunto. Escolhemos, em primeiro lugar, o feminino simbolizado na figura de Santa Clara, conforme se apresenta no poema a seguir:

Santa Clara de Assis

Eis aquela que parou em frente
Das altas noites puras e suspensas.

Eis aquela que soube na paisagem
Adivinhar a unidade prometida:
Coração atento ao rosto das imagens,
Face erguida,
Vontade transparente
Inteira onde os outros se dividem (ANDRESEN,
2003, p. 42)

A adolescente Clara, fascinada pela atitude de Francisco de Assis que vive e convida a viver em harmonia com a natureza, decide seguir aquele modelo de vida: “Coração atento ao rosto das imagens,/ Face

erguida,/ Vontade transparente". O comportamento santo de Francisco transforma Clara.

Qual o significado de santo no texto? Em entrevista à Maria Armada Passos, Sophia Andresen falou a tal respeito: a santidade é um estado poético e religioso, em que as ações se dão em acordo universal, sendo "uma transparência total [...] às vezes é uma arte de morrer" (1982, p. 3). Ainda segundo a autora de *Dual*, os homens, no "tempo dividido", por se mostrarem indiferentes a esse gesto, deixam o poeta à margem pelo fato de este permanecer com o compromisso de mostrar a dignidade do bem viver.

Na ideia acima, Sophia liga duas qualidades ao comportamento santo, a poética e a religiosa. Para comentar a primeira, retomo a definição andreseniana bastante conhecida de poesia no ensaio *Poesia e realidade*, de que "a Poesia [com maiúscula] existe em si – independente do homem, é o mundo em si" (1960, p. 53), citando o exemplo do planeta Saturno cercado por anéis que existem mesmo antes de o homem ter conhecimento deles.

Sophia continua a definição de poesia, agora com minúscula: é "a relação do homem com a realidade, tomando-a na sua pura existência" (idem, *ibid.*), isto é, com as coisas naturais. Nesse encontro, ambos se olham como "amantes", porém jamais unidos. Por isso, o poeta escreve com desencanto a respeito de tal impossibilidade.

A autora de *Geografia* completa que o poema é a invenção da poesia, "um objeto a mais no mundo, uma realidade entre as realidades" (idem, p. 54), que surge da necessidade do poeta de transfigurar a própria vida em coisas naturais. Dessa forma, é o intermediário, procurando o acordo entre o poeta e a poesia.

O elemento poético integrante na santidade constitui-se, portanto, no propósito de procurar transformar o modo de viver caótico em equilibrado, pela aproximação do homem com a natureza. Neste sentido, Clara possui tal atitude poética.

O segundo qualificativo para a santidade consiste no caráter religioso. O étimo da palavra indica que as partes de alguma coisa que haviam sido separadas estão novamente ligadas, tendo sido restabelecida a ordem. Na religação, está implícita a ideia de vida partilhada, de ser "um com todos", não apenas visando ao elo entre os homens, mas entre eles e as coisas no cosmo. E Clara é "aquela que soube na paisagem/ Adivinhar a unidade prometida/ [...] Inteira onde os outros se dividem". Clara relaciona-se com as coisas como o poeta o faz, com olhar de amante, vendo as coisas com clareza, transparência.

Ainda, segundo a autora de *Dia do mar*, a santidade “é oferecida a cada pessoa de novo a cada dia, e por isso aqueles que a ela renunciam são obrigados a repetir a negação todos os dias” (1999, p. 118). Então, essa atitude decorre da escolha de construir o destino junto com todos, ainda que a maioria não compartilhe o mesmo sentimento e, por causa disso, a santidade implica o sacrifício.

A propósito do sacrifício exigido pela santidade na obra andreseniana, o entrevistador de Sophia, Virgílio de Lemos, sustenta que ela faz limite com a bruxaria, porque envolve magia e mistério, e a autora de *Dual* responde que prefere não falar sobre isso porque teme as forças sombrias, das quais precisa se aproximar durante sua atividade poética e ao mesmo tempo evitar lhes dar voz (1989, p. 22). No poema em análise, Clara aproxima-se do mal quando frequenta o ambiente de indigência e de mundaneidade a que grande parte das pessoas é submetida para auxiliá-las.

Assim, verifica-se que, embora seja oferecida a cada pessoa, a santidade é assumida por algumas, dentre elas, o filantropo, como Clara, e o poeta, como aquele que escreve o poema *Santa Clara de Assis*. E ambos reúnem a consciência do sacrifício e a atenção às coisas para bem exercer a atividade de santo.

O significado de santidade encontra recorrência em outros termos da obra andreseniana, dentre eles a salvação. No ensaio *Caminhos da Divina comédia*, de 1962, o termo significa descoberta, cultivo, recuperação e necessidade de o homem procurar a inteireza do ser por meio das ações diárias. O homem salva-se quando escolhe entrar em equilíbrio consigo e com os outros e, para isso, enfrenta o “mundo dividido”.

No discurso por ela proferido durante seu recebimento do Prêmio de Poesia, atribuído ao *Livro Sexto*, em 1964, ela escreve que a atenção com que se olha as coisas gera o real, o destino, a salvação, e a vida.

Na entrevista a Eduarda Dionísio, Sophia Andresen reitera que “o poema cerca, retém, salva e religa” (1968, p. 143). A reiteração da autora mostra que a salvação implica responsabilidade em todos os gestos.

O feminino, no poema *Santa Clara de Assis*, remete ao fazer poético, completamente articulado com a vida partilhada, comprometida com as coisas e que, por isso, gera, gesta e dá a luz mundos transfigurados em poemas. Possui, portanto, caráter sagrado, ao dar atenção religiosa à vida.

A outra imagem do feminino que destacamos na poesia andreseniana encontra-se no poema a seguir transcrito:

Catarina Eufémia

O primeiro tema da reflexão grega é a justiça
E eu penso nesse instante em que ficaste exposta
Estavas grávida porém não recuaste
Porque a tua lição é esta: fazer frente

Pois não deste homem por ti
E não ficaste em casa a cozinhar intrigas
Segundo o antiqüíssimo método oblíquo das
mulheres
Nem usaste de manobra ou de calúnia
E não serviste apenas para chorar os mortos

Tinha chegado o tempo
Em que era preciso que alguém não recuasse
E a terra bebeu um sangue duas vezes puro

Porque eras a mulher e não somente fêmea
Eras a inocência frontal que não recua
Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no
instante em que morreste

E a busca da justiça continua. (ANDRESEN, 2004,
p. 74)

O poema remete à história de uma ceifeira portuguesa que, na década de cinquenta, reivindicava, juntamente com outros camponeses, aumento do valor do soldo da jornada de trabalho em uma propriedade onde trabalhava e foi, por isso, assassinada.

O acontecimento político torna-se, portanto, objeto do poema. A esse respeito, em entrevista concedida ao editorial do *Jornal de Letras e Artes* (1962), Sophia Andresen comenta que sua poesia transfigura inúmeras experiências por meio das quais o real se mostra, embora muitas vezes o homem passe por aquele sem o ver porque está absorto nas atividades da vida diária.

Ao contrário disso, Catarina Eufémia assumiu o real quando decidiu ir às últimas consequências durante o movimento reivindicatório

dos camponeses. Agindo assim, ela também negou alguns papéis condicionados às mulheres: "Pois não deste homem por ti/ E não ficaste em casa a cozinhar intrigas/ Segundo o antiqüíssimo método oblíquo das mulheres/ Nem usaste de manobra ou de calúnia/ E não serviste apenas para chorar os mortos". Foi mesmo além, colocou-se inteira para defender a verdade que a moveu.

Sua ação para fazer valer a justiça assemelha-se ao gesto de Antígona, símbolo feminino dessa procura. A filha de Édipo primeiramente o acompanha no cumprimento do destino de errar pelo mundo e depois desafia a justiça dos homens quando tenta enterrar seu irmão Polinice. Diante de ambos os casos, o castigo divino que recai sobre os descendentes dos labdácidas e o castigo civil a quem conspira contra o rei, Antígona assume tanto o papel de filha e de irmã como o do restabelecimento do equilíbrio cósmico, mesmo que para isso tenha que afrontar a entidade grega do destino, cuja determinação está até mesmo acima dos deuses.

O tema da justiça na qual se insere a ação de Catarina Eufémia é recorrente na obra de Sophia Andresen. No ensaio *O nu na Antiguidade Clássica* (1992), ela escreve que essa forma de arte mostra o homem no momento da *areté*, da dignidade, nobreza, ou justa medida com que ele procura viver na cidade. Desse modo, o homem dirige-se aos deuses e aos homens reunidos na pólis. Por esse gesto, ao mesmo tempo didático e religioso, o homem se aproxima da sintonia perfeita, e o estado poético é resgatado.

Também no mesmo ensaio, a autora lembra que a escultura da mulher no período helênico, embora apareça tardiamente, é "um corpo direito e firme e claro que parece escrever a palavra 'verdade'", no qual brilha a consciência divina (1992, p. 68). No poema em questão, Catarina Eufémia acirra a discussão sobre a condição insalubre dos camponeses e, através da ordem de seu corpo, faz explodir a denúncia do caos social. Oferece o próprio corpo, símbolo do cosmo, lugar de encontro da paixão e razão, do profano e divino, dos elementos dionisíaco e apolíneo. Ela se mostra, portanto, poeticamente no mundo.

Essa ideia é reforçada com a representação do corpo da mulher na obra de Sophia, a da palmeira: as raízes fincadas na terra e o caule esguio bem como as folhas a interagirem com o vento para acompanhá-lo ou a ele resistir. Os seguintes versos "E eu penso nesse instante em que ficaste exposta/ Estavas grávida porém não recuaste/ Porque a tua lição é esta: fazer frente" revelam o corpo poético de Catarina Eufémia, que se doou tanto para gerar homens quanto para construir a vida em comunidade. Ela escolheu agir segundo o enfrentamento cuja

consequência foi o sacrifício da própria vida, como se lê em “Porque eras a mulher e não a fêmea/ Eras a inocência frontal que não recua”.

Seu ensinamento consiste na ética da ação, uma proposta de vida segundo a justa medida, que tem consciência de que seu gesto é a justiça à medida que empreende a procura desta. Assim, o primeiro e o último verso do poema em estudo se encontram: “O primeiro tema da reflexão grega é a justiça/ (...) E a busca da justiça continua”.

A justiça constitui-se navirtude que deve ser procurada por meio de atitudes éticas, nas quais se incluem a tomada de consciência do real, expressos por dois termos recorrentes na obra andreseniana: olhar e ver, e, ao mesmo tempo, dizer o que viu, nisto implicando seu caráter didático e religioso (de religação).

Segundo Aristóteles, em sua Ética a *Nicômaco* (1984), a justiça é a virtude completa porque nela estão compreendidas todas as demais virtudes. Tendo em vista que muitos homens exercem virtudes em assuntos privados, mas não o conseguem em questões relativas ao bem da comunidade, aquele que a possui exerce a ética não apenas sobre si próprio, mas também sobre o próximo. Une, então, a ação ética a ação política.

Quando não há justiça na *polis*, a justiça política, seu funcionamento fica corrompido, sendo necessário resgatá-la. Para isso, o homem deve se iniciar na ética da ação, onde exercita o controle do próprio corpo para adquirir dignidade e consequentemente autoridade para cuidar do bem comum.

A respeito da política, se para Aristóteles, ela é “relativamente à ética, uma ciência mestra,” (apud PRÉLOT, 2006, p. XVII) à Sophia Andresen interessa muito mais a ética nessa relação, conforme sua afirmação a dois entrevistadores: “o político, para mim, é um capítulo da moral” (1991, p. 9). E também: “Ética e poética, ambas são a busca de uma relação justa com o real, e o real é aquilo que emerge e se manifesta. Em termos terrestres, é tudo aquilo que se manifesta e eu posso apreender” (1985, p. 3). Não obstante as prioridades diferenciadas, do estagirita à política e da autora de *Coral* à ética, entendemos que ética e política são indissociáveis na construção do homem íntegro, envolvido nas decisões para o bem viver na cidade. A propósito, Marcel Prélot, no prefácio do livro *A política*, afirma que o citado filósofo “não separa a política da moral, nem tampouco a submete a esta última. Considerando que o homem tem por fim a felicidade, cuja plenitude está no pensamento puro, Aristóteles acha que o homem só é verdadeiramente ele mesmo no seio da cidade” (2006, p. XVI).

A essa dupla e indissociável relação apresentada por Prélot, incluímos, agora, a que se dá entre a política e a poética. Ambas relacionam-se pela finalidade de alcançar o sumo bem - a felicidade, a verdade e a beleza - a boa vida dos homens reunidos na comunidade civil. Verificamos que tal finalidade está inscrita na *Poética*, de Aristóteles, quando ele escreve sobre a tragédia grega, afirmando ser belo o mito, porque sua ação una e completa possui grandeza e ordem propiciadoras da visão de conjunto, além de encenar ações que "poderiam suceder", tendo em vista serem convenientes à natureza do homem, que, igual ao mito, é belo, sendo este o atributo do "ser vivente ou o que quer que se componha de partes" (1984, p. 247-249).

Também encontramos a relação entre poética e política na ideia de Sophia Andresen de que a poesia, junto com as demais artes, tem a missão de viver a beleza da Realidade através do poema, conforme escreve no ensaio *Poesia e realidade* (1960), através do qual podemos relacionar a Poesia - com letra maiúscula - ao sumo bem; a poesia - com letra minúscula - à procura do sumo bem; e o poema, ao mito, onde são encenados os diversos modos da mencionada procura. Assim, o entendimento dela sobre a ação política é revelado no poema que, semelhante ao mito trágico, exige ao homem reconhecer-se no tempo e lugar onde habita para escolher juntar-se aos outros na procura do sumo bem.

No poema "Catarina Eufémia", a procura da justiça acontece tanto na ética da ação como na ação política, sendo a mulher (não a fêmea) o agente o elemento feminino, embora esta integre a substância daquela. E a representação artística da mulher, como vimos, simboliza a verdade, a qual se interrelaciona e mesmo se confunde com as ideias de justiça, real e beleza. Na figura da mulher, desse modo, o feminino revela que ética, política e poesia são indissociáveis.

Os dois poemas aqui apresentados, "Santa Clara de Assis" e "Catarina Eufémia", possuem caráter dramático, apreendem a vida dessas mulheres na plenitude da ação transformadora do mundo em desequilíbrio. Ambos transmitem a busca de gerar e fazer surgir uma realidade oposta ao "mundo exilante e mutilante" (ANDRESEN, 1992, p. 122) ou transfigurá-lo no sentido de religar a poesia a vida, o homem ao cosmo.

Podemos dizer que os dois poemas apresentam uma oposição à primeira vista quanto aos temas: no primeiro, a temática cristã; no segundo, grega. Porém, verificamos que tais assuntos se imbricam em decorrência do modo como o pensamento do homem ocidental se foi construindo.

O filósofo Werner Jaeger, em *Cristianismo primitivo e Paideia grega* (1991), escreve sobre como se deu a recepção da cultura e filosofia gregas no início do Cristianismo. Um dos fatores para a helenização da doutrina foi o emprego da língua grega por meio da qual os conceitos, as categorias e as metáforas do mundo grego foram também assimiladas. Os textos sagrados da religião cristã, Evangelhos, epístolas e atos, além dos catecismos e livros de provérbios morais, constituíam-se de propostas e de lições de rituais para o homem se purificar e se iniciar na vida cristã. Um dos símbolos ritualísticos era o do Y, que indicava a encruzilhada do bem e do mal, diante da qual o homem deveria fazer a escolha sobre o caminho a seguir.

Outro exemplo citado por Jaeger (1991) constitui-se do livro *Eutidemo*, de Platão, formado pelo diálogo de caráter exortativo para que o homem olhe para a luz do verdadeiro ser, que foi um dos modelos de textos emulados pelos doutrinadores do Cristianismo. Como as obras de filosofia, as da religião cristã exortam o homem a procurar a verdade.

Respaldo pelo argumento de Jaeger, entendemos que a procura do homem de entrar em sintonia consigo e com a natureza e de viver em acordo na comunidade corresponde à proposta da filosofia e do Cristianismo de assumir a vida em sua plenitude. Embora uma das mulheres dos poemas em discussão pertença ao universo cristão e outra conste da religião primitiva grega, desempenham ações semelhantes de religião, de religião.

Os sentidos do feminino nos dois poemas em questão não são opostos aos demonstrados por Ricardo Silva, Manuel Gusmão e Rosa Maria Martelo. O feminino rompe com as ações automatizadas e esvaziadas de significado na vida diária, implica a decisão de tomar uma atitude ética diante do mundo, além de potencializar significados, enriquecendo, assim, com novas imagens a temática da criação e transfiguração do Real.

Referências

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Poesia e realidade. *Revista de Artes e Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n. 87, p. 53-54, abril de 1960.

_____. Se virarmos a cara ao sofrimento, seremos levados à monstruosidade e ao crime – diz-nos Sophia de Mello Breyner. *Jornal de Letras e Artes*. 24 jan., 1962, p. 1 e 10. Entrevista ao Editorial.

_____. Resposta da premiada. Discurso proferido na solenidade de entrega do Grande Prêmio de Poesia atribuído ao *Livro Sexto*. *Jornal Diário de Lisboa*, Lisboa, 16 jul. 1964, p. 26-27.

_____. Escrevemos poesia para não nos afogarmos no caos. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa, 16 fev., 1982. Entrevista a Maria Armanda Passos.

_____. Sophia: "Sou uma mistura de Norte e Sul". *Jornal de Letras Artes e Ideias*. Lisboa, n. 135, 05 fev. 1985. 2-3. Entrevista a Miguel Serras Pereira.

_____. Sophia: a luz dos versos. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa, 25 jun., 1991. Entrevista a José Carlos Vasconcelos.

_____. *O nu na Antiguidade clássica*. 3 ed. Lisboa: Caminho, 1992.

_____. *No tempo dividido*. Lisboa: Caminho, 2003.

_____. *Dual*. Lisboa: Caminho, 2004.

ARISTÓTELES. Ética a *Nicômaco*. Seleção de textos José Américo Peçanha. Tradução Leonel Vallandro & Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 49-236.

_____. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

GUSMÃO, Manuel. O ameaçado fulgor da imagem. Disponível em: <http://www.coloquiointernacionalsophiademellobreynerandresen.com/sophia_comunica/manuel_gusmao.pdf>. 2012, p. 1-9. Acesso em 20 dez. 2011.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e Paideia grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.

MARTELO, Rosa Maria. *Imagensomno mundo de Sophia*. Disponível em: <http://www.coloquiointernacionalsophiademellobreynerandresen.com/sophia_comunica/rosa_martelo.pdf>. 2011, p. 1-14. Acesso em 20 dez. 2011.

PRÉLOT, Michel. Prefácio. In: *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

